

Luís Rainha

Adeus.

23 separações funestas
e outros acidentes
naturais

FICÇÃO • CONTOS



GUERRA & PAZ

ÍNDICE

Palimpsesto	11
Contrição	25
CAMA	31
<i>Ibidem</i>	51
<i>Vernissage</i>	59
FAQ	91
Adenda pudenda	97
Esquece	101
<i>Ars brevis</i>	111
Querido diário.	115
Maladia	119
O que sobra	131
Esqualos	137
A hora do lobo	143
No ar.	155

Marginália	167
A sombra	169
Amor de pai	173
Desencontro imediato	177
Natureza morta	181
Dia de loucos	185
Este lado para cima	193
Errata	203
 Agradecimentos	 207
 Posfácio	 209

A SOMBRA

Para a tranquilizar, o seu avô explicara-lhe uma vez que a casa fora habitada desde a sua fundação por gente da família. A haver por lá algum fantasma, seria de certeza amistoso para com a pequena descendente; ela nada teria a recear. Durante décadas de estadias cada vez mais frequentes no solar, fizera fé nessa doutrina; fora aliás fácil, pois nunca havia acreditado em espectros errantes.

Hoje, pondera se deverá recear a presença por ali acoitada, na longa ala da casa que ela só visita para inspeccionar o trabalho da mulher-a-dias. Seria de prever: ao longo dos séculos, pelo menos uma ovelha negra acabaria a vaguear pelos corredores deformados, aprisionada entre o papel de parede holandês e as cristaleiras repletas de tesouros sem valor. Sentia a culpa de ter de alguma forma convocado esta *entidade*, tão persistente nos indícios e nas travesuras. Mas medo, não.

Quando abrisse a porta, derreada por sacos e sacos de mantimentos, reparara logo nas fugas ao normal. A luz do saguão ligada; um dos seus casacos caído do bengaleiro, desconjuntado sobre o escano, ante o olhar reprovador do retrato de um trisavô, conde de uma terriola hoje esquecida. Outra vez. Ela suspirou, preparando-se para novo anoitecer pejado de pequenas descobertas desagradáveis, provocações de um espírito mesquinho, apostado em estabelecer contacto com ela, em proclamar a sua resistência à expulsão, mesmo se apenas através destas partidas infantis.

Na cozinha, enquanto arrumava as compras, detectou sem dificuldade o som de pancadas, abafado pelas portas e pela distância. Talvez seja apenas a canalização, desejou ela. Não; era mais deliberado, com um ritmo teimoso composto de agressão e maldade. E de seguida um longo arrasto, agonia de móvel a raspar o soalho carente de cera. Mais logo, se estivesse na disposição de investigar, arriscando o confronto, encontraria uma arca ou uma cadeira das pesadas fora do sítio. Era a manobra inventada pela aventesma para marcar algum território, quando os barulhos não produziam o efeito desejado, fosse ele qual fosse.

O mobiliário desarrumado, a casa de banho ocasionalmente inundada, uma ou outra porcelana macaense em cacos. Nestas malefeitorias menores se arrastava a rotina dele ali. Não, «ele», não. Ela resistia a pensar na *coisa* com qualquer medida de intimidade, preservando-lhe um género ou, longe fosse o agouro!, nome de gente. Era apenas uma moléstia, um entrouxo, uma nódoa que em breve se apagaria sozinha.

Não muito antes, tinham-lhe contado histórias de susto, com o teleguiado propósito, entendia agora, de servirem de avisos. Enredos de almas tão ajoujadas a uma pessoa ou a um local – por obsessão, absoluta necessidade de vingança ou por desejo de conchego – que aprendem a resistir aos esconjuros mais enérgicos. Indiferentes à sua abjecção, encolhem-se em nós secos de malícia, dedicados a uma só busca de sentido: fazerem-se notados, ganhando vida apenas ao perturbar a paz de espírito de quem caiu no visco da sua ideia fixa.

Ela não se sentia intimidada nem passiva; a permanência *daquilo* ali na casa que albergava a sua família havia mais de meio milénio soava-lhe, sim, a afronta grosseira, uma intrusão de *alguém*, algo (assim, sim) que por nada deste mundo merecera o direito de ali pernoitar.

Ligou o pequeno rádio sobre o frigorífico e encheu a casa com um jogo de futebol por certo muito emocionante. Poucos minutos depois, acabou por se censurar com um resmungo enfadado;

antes de tudo pela cobardia, depois pela falta de prudência – E se os ruídos estivessem naquele momento a escalar para algo mais ominoso, sem que ela se apercebesse? Mas irritar-se significaria embarcar no jogo de negações e pequenos atritos que o habitante indesejado encenara nas últimas noites. Calma.

A nuvem de indignação adensava-se. Melhor desligar o rádio, deixando os ecos de um penáلتi sonegado a ricocheteiar entre paredes e armários. Logo o silêncio foi desfeito pela chegada à cozinha de uma novidade: um assobio. Desafinado ao ponto de nem parecer musical; antes um silvo com som de lamúria antiga. Soou-lhe a quebra do convénio tácito ali vigente: da ala que ela não usava apenas poderiam emergir barulhos de alguma forma atribuíveis às fraquezas de objectos idosos: rechinos, estalidos, as mil lamentações no relatório das casas velhas. Mas nunca vozes. Nunca um assobio. Aquilo obrigava-a a confrontar a existência de *alguém* ali. Não mais um fenómeno desprovido de rosto e de intenção.

Pegou na maior faca da cozinha, petrecho brilhante, todo metálico e de peso letal. De nada lhe iria servir, para lá de consolo pueril; mesmo sabendo disso, avançou com ela na mão, embora com o braço distendido, a minorar o desafio.

Caminhou com cuidado sobre o tapete, evitando as tábuas rangentes. Passou por meia dúzia de portas fechadas, pela sala com o velho cão castrado a descansar não sabia bem de quê. Ao fim de muitos passos, abriu a primeira porta do saguão; conseguia ver os candeeiros do corredor seguinte: de novo ligados. Da casa de banho próxima vinha o distinto gotejar de uma torneira mal fechada. As travessuras franqueavam o limiar do insuportável, de tão repetidas e empilhadas umas em cima das outras. O assobio tornou-se ainda mais irritante quando ela abriu a outra porta; andava ali uma canção perto das notas certas, mas sobretudo o desejo de sinalizar uma existência que ela passaria bem sem nunca mais reconhecer. Não apagou a luz e fez-se aos 20 metros seguintes de galeria, deslizando entre portas para quartos vazios e salões empoeirados,

molduras a enquadrar aguarelas esbatidas pela humidade, arcas com continentes ignotos de rendas e fotografias de mortos.

O assobio vinha da antiga sala de jantar, onde o papel de parede repetia até à vertigem motivos alusivos às quatro estações: crianças, cães, perceptoras, árvores com e sem folhas. Um caleidoscópio perfeito para sublinhar a ira induzida pela repetição em círculo do zunido desafinado.

Já sem se preocupar com a zanga nos seus passos, nem com a queda na armadilha da provocação, ela avançou para a porta. O assobio calou-se.

Abriu a porta com a mão desarmada. E lá estava a *criatura*, de pé frente à lareira importada de Paris, partida havia anos, mirando-a com olhos de desgosto, solidão e também, sempre, raiva mansa. Ela desistiu de semanas de *détente* e soltou de uma só vez o rancor acumulado:

– Sabes bem as condições que aceitaste para te deixar ficar aqui. Acaba com o barulho e deixa tudo no lugar devido. Na próxima vez que tivermos esta conversa, faço o que devia ter feito logo no dia do divórcio: mando-te para a rua, com ou sem emprego. E olha que essa cara de alma penada não me comove nem um pouco.

POSFÁCIO

MARIA ESTHER MACIEL

Professora de Literatura e crítica literária

Este é um livro de contos que desafia a própria noção de conto. As 23 narrativas que o compõem, mesmo ao manterem afinidades com vários aspectos dessa modalidade textual, excedem potencialmente as fronteiras que a constituem, abrindo linhas de fuga em direcção a vários outros tipos de escrita, como o ensaio, os registos enciclopédicos, os prontuários médicos, os discursos jurídicos, os compêndios científicos e a prosa experimental, não sem algum contágio também da poesia.

O que alinhava todos esses registos é a ficção, potencializada tanto pelas experiências de vida das personagens, quanto pelas estratégias narrativas que a atravessam e levam a lucidez de sua construção a um estado quase de vertigem. Luís Rainha sabe que a literatura é, antes de tudo, um espaço privilegiado para o exercício da imaginação e dos sentidos; por isso, vai longe nas suas histórias sobre perdas, rupturas amorosas, doenças, desvios, desastres e acontecimentos inclassificáveis. Vai longe porque não sucumbe aos lugares-comuns da literatura, porque se movimenta em territórios outros que não os legitimados pelas convenções literárias em circulação. O universo de suas narrativas é o da surpresa, e a originalidade que nelas se inscreve é a recusa em serem encontradas onde se espera que estejam.

Inventário de lembranças por vezes cruéis, advindas de experiências diversas de separação, *Adeus*. vasculha os infernos íntimos

das suas personagens e expõe as misérias do quotidiano que as envolvem. Afectos, conflitos, violências, dores, incidentes e acidentes permeiam as vidas que se enlaçam nas narrativas, num jogo de ambivalências e paradoxos, que intercepta os excessos dramáticos e as conclusões definitivas. Trata-se de uma obra na qual a dor da experiência vivida se dá a ver, ao mesmo tempo, como uma recusa irónica dessa dor.

Graças à ironia, Luís Rainha faz do desamparo uma forma de redenção, leva o óbvio das coisas ordinárias aos seus próprios absurdos e extrai humor dos venenos e delícias da vida conjugal. Isso, sem abrir mão da intensidade e da tensão do que é narrado. Ele consegue, assim, imprimir em suas histórias uma vitalidade inquietante, intensificada por engenhosas estratégias ficcionais e acrescida de uma erudição criativa, de traços enciclopédicos.

O livro abre-se com um conto, «Palimpsesto», que embaralha os limites entre a razão e o delírio, num delicioso jogo de identidades contraditórias, narrado por um «eu» confuso diante de uma mulher que, de repente, se revela outra, completamente distinta daquela com quem ele se relaciona. Os textos que se seguem a esse ora desdobram o mesmo tema da convivência conjugal assaltada por estranhos acontecimentos, como se vê em «CAMA» e «Esquece», ora se abrem a diferentes enredos não necessariamente centrados nos conflitos amorosos. Alguns se desviam do formato de narrativa contínua, como é o caso, entre outros, de «FAQ», que parodia a dinâmica de perguntas e respostas institucionais de *sites* da internet; «*Vernissage*», que se estrutura como um catálogo de arte mesclado com um relatório técnico sobre experiências criativas de animação computadorizada de obras canónicas da história da arte, e «Dia de loucos», que se dá a ver como um instigante inventário ficcional de distúrbios mentais. Há, ainda, textos mais experimentais, como «Marginalia» e «Errata», bem como os que subvertem os discursos jurídicos ao deles extrair elementos insólitos e risíveis, a exemplo de «*Ars brevis*» e «Amor de pai». Para não mencionar as narrativas que trazem, em suas margens, notas e referências

bibliográficas que abrem novas possibilidades de sentido para o que é narrado.

As vozes narrativas também se diversificam ao longo do livro, em consonância com os diferentes «eus» que assumem a enunciação das histórias. Femininas, masculinas ou diluídas na impessoalidade de um narrador na terceira pessoa, essas vozes conferem ao conjunto uma pluralidade descentrada, com diferentes pontos de vista. Maridos infernizados, mulheres terríveis, um pai dilacerado pelo sofrimento do filho, uma *ghost writer* que recusa escrever a biografia de um cliente inescrupuloso, um homem que narra com deleite um comércio íntimo entre literatura e libido com sua parceira, uma escritora que justifica, não sem conflitos, o livro que está a escrever são alguns desses «eus» narradores.

Ao encenar tal teatro de vozes ao longo das páginas, o autor explora as várias camadas que sustentam as relações humanas ençadas no livro, sem oferecer soluções fáceis (ou previsíveis) para os conflitos e embates entre as personagens. Refractário às certezas, ele aposta numa investigação da vida pelo viés da dúvida e da ambivalência. Perturba, com isso, o horizonte de expectativas de quem busca um desfecho trágico ou apaziguador para as situações apresentadas nas histórias, além de trazer à tona o que nelas pulsa de mais estranho ou improvável.

Cada narrativa de Luís Rainha é uma caixa de surpresas. Nenhuma deixa de causar algum sobressalto no leitor, seja de ordem emocional ou intelectual. Se algumas são pungentes, como a narrativa da menina que ouve vozes, outras são terríveis, a exemplo das histórias de vingança praticada ou imaginada. Se há as que exploram um erotismo explícito ou tratam, pela via do humor, do que se poderia chamar uma «economia libidinal», há também as que embaralham memória e esquecimento, num jogo bem urdido entre o que foi, o que não foi e o que poderia ter sido.

No final, o conto «Este lado para cima» aparece como um remate perfeito do volume. Nele, o gesto do descarte dos objectos e trastes que compuseram o cenário íntimo de uma vida outrora

compartilhada, e agora reduzida a ruínas, funciona como um esconjuro para afugentar as pragas e os espíritos malignos que ali ainda perduram.

O encerramento do livro, porém, não se efectiva com este último relato, visto que o escritor inclui, como um anexo estratégico (e, de certa forma, inesperado), uma errata ficcional, que se contradiz a si mesma e é em tudo condizente com os paradoxos que sustentam as histórias do livro.

Assim, Luís Rainha oferece-nos, com *Adeus.*, uma obra singular, pouco afinada com as exigências do mercado editorial do presente e que põe em desassossego a literatura contemporânea de língua portuguesa.

Belo Horizonte, 23 de Maio de 2018